

Um encontro com Manoel de Barros e Manuel Rivas: apontamentos sobre a infância

Edivânia Santos de Carvalho 
Colégio Coopeise, Serrinha, Bahia, Brasil

1

Resumo

O presente trabalho valeu-se de um tema sempre atual e inerente a qualquer indivíduo, a infância. E, esta é encontrada nas obras selecionadas aqui, o conto *La lengua de las mariposas* de Manuel Rivas e nos poemas de Manoel de Barros. O objetivo foi apresentar os elementos que são articulados através da perspectiva da infância percebida nas duas práticas literárias em questão. A pesquisa qualitativa foi realizada nesta análise porque o tema permitiu a utilização de uma abordagem indutiva. O estudo de literatura comparada foi a base do desenvolvimento das comparações entre os dois gêneros distintos.

Palavras-chave: Infância. Poemas. *La lengua de las mariposas*. Manoel de Barros.

A meeting with Manoel de Barros and Manuel Rivas: notes about childhood

Abstract

The present study was based on a theme that is always contemporary and inherent to any individual: childhood. And this is found in the works selected here, namely the short story *La lengua de las mariposas* by Manuel Rivas and in the poems of Manoel de Barros. It aimed to present the elements coordinated through the perspective of childhood perceived in the two literary practices addressed. The study of comparative literature was the basis for the development of comparisons between the two different genres.

Keywords: Childhood. Poems. *La lengua de las mariposas*. Manoel de Barros.

1 Introdução

Este trabalho tem como tema a literatura e análise comparativa, nesse caso, entre dois gêneros distintos: poema e conto. Portanto, eles completam-se pela presença de um elemento comum em ambos, a infância. Tem por base a fundamentação teórica (revisão bibliográfica) cujo foco é mostrar a perspectiva da infância na articulação de duas práticas literárias, no conto *La lengua de las*

*mariposas*¹ de Manuel Rivas e em alguns poemas de Manoel de Barros. Logo, para a elaboração dessa análise, foi feito um breve levantamento bibliográfico, buscando em alguns materiais, a exemplos de duas obras: A poética do devaneio (BACHELARD) e A evolução psicológica da criança (WALLON). O anseio foi coletar o máximo de elementos que confirmassem a correlação entre a perspectiva da infância na obra de Rivas e Barros.

2

Ademais, literatura comparada é uma prática muito comum no meio acadêmico, e é devido a sua amplitude no que diz respeito à comparação entre obras, mesmo que estas sejam diferentes se visto o gênero ou contexto histórico, em que é notável a riqueza de detalhes existentes nos trabalhos apresentados. Nada impede um autor de usar essa ferramenta como alicerce para levantar hipóteses, realizar grandes achados literários e, ainda, trazer possíveis soluções para determinados problemas. Sobre a questão da análise comparativa do conto e dos poemas, alguns aspectos foram observados e percebidos, entre eles estão: a relação criança e do adulto, a afetividade e o conhecimento adquirido por esses dois públicos: criança e adultos durante o seu processo natural de convivência e, também, sistemático, ou seja, na escola.

O objetivo geral deste trabalho foi apresentar os elementos que são articulados através da perspectiva da infância nas duas práticas literárias: o conto *La lengua de las mariposas*, de Rivas encontrado no livro *¿Qué me quieres, amor?*² (1995) e em alguns poemas do poeta brasileiro Manoel de Barros presentes nos livros *O livro das ignoranças* (1993) e *no Livro sobre nada* (1996), mostrando por meio de análises comparativas, semelhanças e diferenças existentes nas duas.

Entre os objetivos específicos estão: discutir como o universo infantil foi trabalhado pelos dois escritores em suas obras; analisar a perspectiva da infância na construção das duas práticas literárias; apontar os possíveis caminhos e influências externas e internas que contribuíram para a construção das obras a serem citadas e mostrar alguns elementos da psicologia infantil presente no desenvolvimento sensível/criador da criança, que são percebidos no conto e nos poemas.

¹ A língua das borboletas.

² O que você ama em mim?

2 Metodologia

3

A partir das análises entre os dois gêneros comparados, poemas e conto, percebe-se que os autores, ao escreverem sobre criança, para criança ou para adultos, valorizam a essência da infância, mostrando em versos e prosa que o importante é o degustar dos efeitos que essas leituras causam no indivíduo. Já que, no mundo da criança, tudo se torna objeto de brincadeira, pois elas veem o que existe e o que elas criam. Dessa forma, para elas, tudo é exageradamente acessível. Segundo Bachelard, no seu livro *A poética do devaneio* no capítulo que ele intitulou: Os devaneios voltados para a infância.

Um excesso de infância é um germe de poema. Zombaríamos de um pai que por amor ao filho fosse “apanhar a lua”. Mas o poeta não recua diante desse gesto cósmico. Ele sabe, em sua ardente memória, que esse é um gesto de infância. A criança sabe que a lua, esse grande pássaro louro, tem seu ninho nalguma parte da floresta (BACHELARD, 2009, p. 95).

Bachelard afirma que os devaneios voltados para a infância fazem parte das lembranças do indivíduo, ele defende que quando alguém mergulha no universo infantil, essa pessoa está buscando penetrar na sua própria essência, seja por meio de um poema ou por qualquer estilo poético, são nos devaneios, nas fantasias e nos anseios da infância que um poeta, um escritor ou leitor pode-se achar.

Dessa forma, deduz-se que a infância é o ingrediente que influenciou a prática de Rivas e de Barros ao criarem o conto e os poemas. O dinamismo existente nas criações desses grandes escritores, deixa marcas nos leitores de suas obras, pois as experiências que Moncho, o garotinho do conto *La lengua de las mariposas* e o eu-lírico dos poemas de Barros têm nas obras refletem a verdadeira vida dos escritores. Além disso, é importante frisar que o estudo desse artigo valeu-se do método indutivo, pois a escolha desse tema surgiu após experiências individuais, crenças e pressentimentos que são relevantes para quem se identifica com leituras para crianças ou com leituras que disparem o gatilho das nossas

recordações referentes a esse tempo. Possibilitando ao leitor, um olhar para o lado mais sensível e humano do íntimo de cada um.

Vale ressaltar também, que a devida análise está organizada em três momentos. O primeiro relata como a ideia de infância transita pelos dois gêneros citados, conto e poemas, mostrando também a noção do estudo de Literatura comparada, estudo este, usado no passo a passo das comparações feitas aqui. O segundo momento está dividido em dois itens que descrevem a vida e a obra de Manuel Rivas e de Manoel de Barros. E, por fim, o terceiro e último discorrem sobre algumas semelhanças e diferenças existentes entre as duas criações.

4

3 Infância: permeando gêneros

A infância é o elemento de atração deste trabalho e permeia entre os dois gêneros literários já citados, ela é unânime nos poemas de Manoel de Barros e no conto *La lengua de las mariposas*, de Manuel Rivas. Segundo Bachelard (2009); “A infância emana de tantas fontes que seria tão inútil lhe traçar a geografia quanto escrever-lhe a história”, ou seja, seria impossível engessar a infância num simples conceito os apenas exemplificá-la. Sendo assim, a infância limita-se somente quando se refere à idade do indivíduo.

Como processo construtivo do aprimorar individual, o universo infantil torna-se algo convidativo para escritores, neste caso, são comparados dois escritores e dois gêneros literários distintos, conto e poema. Porém, Bachelard (2009) afirma que “[...] as palavras têm pequenas felicidades quanto às associamos de um gênero a outro – pequenas rivalidades também nos dias de malícia literária”. Ou seja, as palavras possuem um poder tão grande que podem transpassar de um texto para o outro com muita facilidade, sem perder seu significado frente a um determinado contexto, enfim, a infância é vista por inúmeros ângulos na produção deste trabalho, ela não é vista somente por um olhar de escritor que guarda seus devaneios de criança, mas de escritores que valorizam esse universo, junto com tudo o que ele representa: aventuras, medos, descobertas, conquistas, desejos, sonhos, ilusões, invenções, entre outros.

A amizade também é um aspecto comum da representação da infância, porque é nesse início de vida social que o ser humano constrói as primeiras relações afetivas com as outras pessoas que não são necessariamente de sua família. Ao desenrolar deste estudo, vários elementos que fazem parte desse período serão apresentados e comentados, destacando sempre a presença destes, nos poemas e no conto.

5

Vê-se ainda o diferencial entre o olhar infantil e o olhar adulto para diversas situações, a real disponibilidade que a criança tem para dar maior importância às coisas, aos objetos, aos elementos da natureza, às palavras novas, inclusive, a beleza de cada imagem. Essa noção de imagem é cuidadosamente bem pincelada por Rivas, à medida que o narrador do conto vai traçando as vivências do garotinho, protagonista da narrativa, enquanto Barros enche o leitor de suas obras, com imagens extremamente bem articuladas e inventadas pelo eu-poético de suas linhas. Ambos dilatam as descobertas da infância em suas obras, revelando ao leitor a essência infantil, o amor às pequenas coisas.

Para compreender o nosso apego ao mundo, cumpre juntar a cada arquétipo uma infância, a nossa infância. Não podemos amar a água, amar o fogo, amar a árvore sem colocar neles um amor, uma amizade que remonta à nossa infância. Amamo-los como infância. Todas essas belezas do mundo, quando as amamos agora no canto dos poetas, nós as amamos numa infância redescoberta, numa infância reanimada a partir dessa infância que está latente em cada um de nós (BACHELARD, 2009, p. 121)

Através desse trecho, percebe-se que o autor eleva a infância a um grau de decisão, onde para que um adulto chegue à conclusão de que ama algo, ele primeiro, busca na memória de sua infância as lembranças arquivadas. Sendo assim, consegue definir seus sentimentos por meio das recordações do seu passado, ou melhor, da sua infância.

Dessa maneira, o tema da infância passeia em meio às produções de Rivas e Barros com muita reverência, eles atribuem a ela um valor minucioso durante a narrativa e nos poemas. Tanto que, devido a essa aproximação do tema presente nos dois escritores, das articulações do momento infantil, do dinamismo que desliza

entre as obras e da postura deles, surge a ideia da realização dessa análise, seguindo como parâmetro a Literatura comparada.

É por meio, portanto, da contribuição desse estudo chamado Literatura comparada que é possível fazer observações entre obras, artes plásticas e textos de naturezas distintas, mas que apesar da diferença de gêneros podem ser criticadas, comparadas, definidas, conceituadas etc. Vale ressaltar também que a partir desse tipo de estudo, pode-se extrair a essência de inúmeros assuntos, basta que haja um desejo de um pesquisador em aprofunda-se ou simplesmente fazer um jogo de semelhanças e diferenças entre dois tipos de textos, nesse caso, entre o conto *La lengua de las mariposas* e alguns poemas de Manoel de Barros.

6

3.1 Literatura comparada: casando gêneros

A literatura comparada é um estudo que segundo CARVALHAL (1994), em que ela cita Remak, “é o estudo da literatura além das fronteiras de um país específico e o estudo das relações entre, por um lado, a literatura, e por outro, diferentes áreas do conhecimento”. Tomando como partida a afirmação, pode-se compreender que este estudo é capaz de fazer um casamento, ou seja, torna-se possível a união entre gêneros distintos por meio de um tema que seja comum em ambos.

Outrossim, a infância destaca-se no conteúdo dos textos citados nesta análise, porque ultrapassa as fronteiras no que diz respeito à forma, à estrutura, ao texto histórico e até mesmo à intenção dos autores. A Literatura comparada exerce uma autoridade literária em que diversos estudiosos e pesquisadores apoderam-se para desenvolver suas pesquisas.

Comparar obras distintas, ou mesmo semelhantes quanto ao gênero, é um trabalho detalhista que depende de extrema dedicação e prazer. Para manusear esse tipo de estudo, é mister que o olhar do pesquisador esteja aguçado e empenhado nas articulações das semelhanças e diferenças encontradas.

[...] a literatura comparada em si mesma não obriga ninguém a seguir qualquer outro princípio a não ser o de que a comparação é uma

técnica utilíssima para análise de obras de arte, e o de que, ao invés de limitar as comparações a escritos numa mesma língua, uma pessoa pode, com proveito, escolher pontos de comparação em outras línguas... Examinar um poema, ou um quadro, ou um edifício é ser pouco sensível às suas qualidades. Examinar outro exemplo da “mesma” coisa, que, sendo outra obra de arte, evidentemente não é a mesma, mas apenas “comparável”, é dar o primeiro passo na direção de reconhecer o que, em cada caso, é bom, original, difícil, intencional (CARVALHAL *apud* Thorlby, 1994, p. 303).

7

Essa citação de Anthony Thorlby encontra-se no livro *Literatura comparada – textos fundadores* de Tania Franco Carvalhal. Por meio desta, percebe-se que esse tipo de estudo não exige do estudioso ou pesquisador mais do que a sua real essência, que é: comparar, fazer com que duas obras dialoguem, realizando entre elas um jogo de afinidades, independentemente se ambas são da mesma língua, gêneros, contexto histórico ou período literário.

O importante é desenvolver um levantamento de dados sobre o conteúdo, valorizando a originalidade, o grau de dificuldade das comparações, demonstrando a intenção por trás do levantamento e defendendo se a comparação é boa ou ruim, além de legitimar se esta gera relevância para o social.

Nessa análise, o universo da criança foi explorado à medida que o conto de Rivas *La lengua de las mariposas* e alguns poemas de Barros cruzarem-se. É fundamental conhecer o perfil da escrita de cada um dos escritores citados aqui, ainda que a amostra da biografia deles seja sutil.

3.2 Vida e obra: Manuel Rivas

Manuel Rivas Barros é considerado o escritor galego com maior projeção internacional, estando a sua obra traduzida para vinte idiomas. Nasceu no dia 26 de outubro de 1957 em Corunha, localizada na Galícia, Espanha. E desde então, tornou-se muito ativo no que diz respeito às manifestações culturais que valorizam ainda mais seu país e sua região, a Galícia.

Rivas é escritor, ensaísta, poeta e jornalista galego, membro acadêmico também da RAG (Real Academia Galega - é a instituição pública que tem como objetivo o estudo da cultura galega e, em especial, da língua galega). Em 1979

publicou o seu primeiro livro de poemas: *Libro de Entroido* com o que se revelou uma voz diferente dentro da lírica galega e pelo poema *Para escarnho³ e mal dizer* foi galardoado com o Prêmio de Poesia Nova de *O Facho*, o primeiro de uma longa carreira cheia de premiações.

Possui inúmeras obras publicadas, entre elas: poemas, narrativas, teatro e literatura infantil, artigos, ensaios e, além disso, algumas de suas obras foram adaptadas para o cinema, em exemplo; *A língua das borboletas*, dirigida por José Luis Cuerda e *O Lapís do Carpinteiro*, dirigida por Antón Reixa. Sendo, *A língua das borboletas*, a obra citada neste artigo, no entanto, a forma que sua produção é exposta neste trabalho será em sua versão original em forma de conto, este, presente no livro de reconhecimento mundial *¿Que me queres, amor?*, publicado em 1995, ganhador do Prêmio Torrente Ballester 1995 e do Prêmio Nacional de Narrativa em 1996.

“*¿Qué me quieres, amor?*” é um livro de contos que possui dezesseis relatos com temas mais clássicos como amor, trazendo diferentes formas de amor, paixão, romantismo e temas pós-modernos trazendo traição, vulgaridade, fofocações e até o período da guerra civil espanhola, como é o caso do conto escolhido para um dos objetos deste trabalho.

3.3 Vida e obra: Manoel de Barros

Manoel Wenceslau Leite de Barros é considerado o maior poeta brasileiro da contemporaneidade, sendo que, ainda enquanto escrevia, Carlos Drummond de Andrade recusou o título de maior poeta vivo do Brasil em favor de Manoel de Barros, este que, com sua escrita original e inovadora conquistou um espaço merecido no gosto dos amantes de poesia. Desde o seu nascimento, a natureza já indicava que aquele menino seria diferente, como afirma o escritor e jornalista Fausto Wolff, no documentário que Pedro Cezar fez sobre a vida de Barros, “eu acho que nasce um Manuel de Barros a cada dez mil anos sei lá, como nasce um Millôr Fernandes, como nasce um Shakespeare”. Manoel de Barros nasceu à beira

³ Poema de escárnio

do rio Cuiabá, em 19 de dezembro de 1916 e faleceu em 13 de novembro de 2014, em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, mas foi Cuiabá o lugar que se tornou objeto de extrema inspiração para as obras fantásticas do autodenominado “vagabundo profissional”⁴.

Manoel de Barros pertence cronologicamente à geração de 45, mas formalmente ao Modernismo brasileiro, situando-se mais próximo das vanguardas europeias do início do século e da Poesia Pau-Brasil e da Antropofagia, de Oswald de Andrade. A sua poesia revolucionou o olhar sisudo da maioria das pessoas, Barros *intromete-se* não apenas no mundo das palavras, ele dá vida à natureza, às coisas, ao universo e, principalmente, ao imaginário infantil. Sendo assim, a infância para ele sempre foi o lugar de mentir, de inventar, de criar e de recriar, além do manuseio único dos neologismos. Além do mais, o poeta que morava dentro dele “desinventa” as coisas com uma facilidade incrível.

3.4 A infância ilustrada por Manoel de Barros e Manuel Rivas

A infância é um processo natural o qual todo ser humano deveria passar da melhor forma possível para assim, poder colher bons frutos com o passar dos anos. No entanto, alguns escolhem nunca sair dessa fase, aliás, preferem até nomear as suas infâncias, é o caso do poeta do Pantanal, Manoel de Barros, este, que aos seus 97 anos, dizia viver sua *terceira infância* e escreveu poemas belíssimos a respeito do imaginário infantil. Outros decidem explorar esse período tão mágico do desabrochar do universo infantil para pincelar de forma preciosa o mundo de descobertas que cercam as crianças, como fez Manuel Rivas ao escrever o conto *La lengua de las mariposas*.

Em seu livro *A evolução psicológica da criança*, o escritor Henri Wallon apresenta alguns elementos presentes no desenvolvimento da criança que são encontrados no conto e em alguns poemas de Barros. Como os efeitos da relação entre crianças e adultos, a afetividade, o elemento fundamental e necessário nessa relação e o conhecimento adquirido pela criança durante sua trajetória em

⁴ Ver documentário *Só dez por cento é mentira*.

desvendar novos mundos. Já que elas pertencem a um universo fantasioso, em que Rivas e Barros permitiram-se mergulhar e explorar o que há de mais rico no imaginário infantil, o criar, o inventar, o descobrir e o arriscar-se sem a obrigatoriedade de acertar.

A relação criança/adulto é algo implícito na formação do indivíduo como pessoas e cidadãos, pois o adulto é a figura a qual ela busca identificar-se, e como em toda relação, principalmente nessa, a afetividade é o objeto crucial no amadurecimento emocional e até mesmo criativo, como já foi destacado, tem-se, portanto, exemplos da importância da afetividade no desenvolvimento criativo do garoto Moncho, personagem principal do conto de Rivas e de alguns poemas de Barros.

Nas duas linguagens citadas, no conto e nos poemas, percebem-se três aspectos importantes e comuns para compreender a singela comparação entre ambos, o indício claro do fervor da imaginação crítico-criativa, a própria ideia de infância e a postura do adulto frente ao imaginário infantil. Esses aspectos fundem-se e formam em si a própria noção de infância, ou seja, essa fase tão sublime ou que, pelo menos, deveria ser na vida de qualquer pessoa que, muitas vezes, é roubada das crianças por inúmeros fatores que não vêm ao caso, nem serão discutidos neste trabalho. Contudo, apesar de haver em cada obra suas particularidades, as aventuras que estão mescladas ao percurso do conhecimento infantil é o alvo para se chegar à consolidação da beleza que existe nas perspectivas da infância.

A criança simplesmente reina em seu mundo de inventar e independe de adultos para construir leis de convivência, elas apenas vivem suas descobertas ganhando e perdendo à medida que elas próprias decidem, cabe ao adulto manter-se a uma distância que não quebre o cristal da fantasia que paira na imaginação infantil. Como o próprio Manoel de Barros disse no documentário Só dez por cento é mentira, de Pedro Cezar aos; “a infância é a melhor forma de poesia que existe, porque a criança troca o sentido das coisas”. Enquanto no conto, Rivas consegue envolver o leitor nas descobertas de Moncho, um garoto de seis anos prestes a iniciar no ambiente escolar, porém, o menino tem um medo terrível de ir à escola

devido ao que ouvia dos pais, mais precisamente do pai. Sendo assim, devido às falas do pai, Moncho acreditava que o professor gritava e batia nos alunos.

Para surpresa e satisfação do garoto, que preferia ser chamado pelo apelido de Pardal, seu professor, o mestre Don Gregório, era um homem esplêndido, que além de não gritar, bater, nem constranger, foi o grande responsável pelas experiências de campo que tanto agradavam a Pardal e aos seus colegas de classe. O professor levava seus alunos a aulas expositivas ao ar livre ensinando-lhes e caracterizando elementos da natureza como, por exemplo, quando falou a respeito da língua das mariposas, “que era fininha, para que elas pudessem sugar o néctar das flores e ela enrola em espiral” – página 30 e 31 do conto.

Apesar de Barros dizer em seus versos que “só dez por cento do que escreve é mentira, que os outros noventa são invenção” a legitimidade da sua poesia é de uma profundidade tão intensa que cativa qualquer um que o lê, porque todo mundo tem um pouco da criança que é ou que já foi um dia. Os poemas do poeta são criações cheias de imagens, ele traz para o papel a sensibilidade existente por detrás das sensações de uma criança e, em muitos poemas, ele é a criança descrita. Esse jogo de imagens também está presente nas aventuras de Moncho, por isso é necessário ressaltar que em ambas as práticas, a escrita está na primeira pessoa, o que nos leva a concluir que as recordações da infância são bem fortes nos dois escritores.

Assim, as imagens da infância, imagens que uma criança pôde fazer, imagens que um poeta nos diz que uma criança fez, são para nós manifestações da infância permanente. São imagens da solidão. Falam da continuidade dos devaneios da grande infância e dos devaneios de poeta (BACHELARD, 2009, p. 95).

Nessa citação, Bachelard realça a importância que as imagens representam a uma criança, mostrando aqui, que os devaneios são invocados pelo adulto, quando ele diz no trecho que “as imagens da infância são imagens que um poeta nos diz que uma criança fez”. Ou seja, as recordações, as lembranças da fase infantil fazem parte de um conjunto de sonhos e imaginações vividas por um poeta. No caso de Barros, por meio de seus poemas e de Rivas, através do conto.

Esse invocar de lembranças é nítido no poema número seis do Livro sobre nada em que Barros vai descrevendo a vontade de se chegar ao mais próximo possível do universo da criança – chegar ao *criançamento* das palavras. Pois, o eu-lírico do poema usa o verbo queria como forma de indicar o desejo de avançar para o começo, ou seja, de ir ao encontro do princípio das conquistas e das frustrações do ser humano, na infância.

12

Carrego meus primórdios nem andor.
Minha voz tem um vício de fontes.
Eu queria avançar para o começo.
Chegar ao *criançamento* das palavras.
Lá onde elas urinam na perna.
Antes mesmo que sejam modeladas pelas mãos.
Quando a criança garatuja o verbo para falar
o que não tem.
Pegar no estame do som.
Ser a voz de um lagarto escurecido.
Abrir um descortínio para o arcano.
(BARROS, 2008, p. 47).

Além de belo, esse poema faz uma conexão com um trecho do conto *La lengua de las mariposas*, que por sinal deixa bem claro que se trata de uma recordação do narrador, já que o início é: “recuerdo muito bem”. O trecho conta da primeira experiência que o narrador teve quando era menino no que diz respeito à escola. Devido às conversas que tinha com seu pai e das experiências que este possuía, Moncho criou um imaginário terrível sobre a postura de um professor e do ambiente escolar tanto que, no primeiro dia de aula, estava tão nervoso que urinou nas calças.

Lo recuerdo muy bien. Han pasado tantos años y aún siento una humedad cálida y vergonzosa resbalando por las piernas. Estaba sentado en el último puritre, medio reparase en mi presencia, hasta que pudiese salir y echar a volar por la Alameda (RIVAS, 1995, p. 25).

Frente a essas duas situações semelhantes nas duas obras, que é o fato de, no momento de nervosismo e ansiedade, tanto o garoto do poema, quanto o garoto do conto, urinaram-se nas calças. Pretende-se deixar nítido que este trabalho

buscou ao máximo aproximar as duas obras por meio de uma literatura comparada entre elas, apresentando como apoio as afirmativas, as literaturas: o conto A língua das borboletas, alguns poemas de Barros encontrados nos livros - O livro das ignorâncias, O Livro sobre o nada e Memórias inventadas – A terceira infância. Além de citar, sempre que relevante, algumas frases do próprio Barros, presente no documentário Só dez por cento é mentira.

No entanto, é importante também ressaltar que há uma diferença externa em ambas as obras. No conto, o período em que o garoto Moncho vive é o da Guerra Civil Espanhola, em que muitas crianças viam-se desprotegidas por não compreenderem bem os confrontos e perdas daquele momento histórico. Assim como ele perdeu a presença de seu professor Don Gregório, que de início, causava-lhe horror, mas no decorrer da história, o maestro tornou-se instrumento de adoração do menino, o herói levado pelos militares. Já que Don Gregório assumia a postura de republicano, contrário aos governantes da época.

Contudo, enquanto a criança do conto viveu um período conturbado de uma guerra civil, a guerra que o poeta enfrentou em algumas poesias, foi no que diz respeito à interferência de alguns adultos no processo de inventar da criança que ele foi e continua sendo. Como mostra o seguinte poema:

O rio que fazia uma volta atrás de nossa casa era a imagem de um vidro mole que fazia uma volta atrás de casa.
Passou um homem depois e disse: Essa volta que o rio faz por trás de sua casa se chama enseada.
Não era mais a imagem de uma cobra de vidro que fazia uma volta atrás de casa.
Era uma enseada.
Acho que o nome empobreceu a imagem (BARROS, 2008, p. 25).

Juntas, as duas narrativas fazem uma crítica à intervenção dos adultos sobre o Mundo infantil. Como foi lido no poema, bastou uma palavra para demolir o cristal delicado e fantasioso construído pela criança do poema, que pode ser o próprio Manuel de Barros, pois a imagem de um vidro mole era agora uma enseada. A imagem poética da cobra diluiu, o ato criativo ficou interrompido. Por isso que, logo no início desse capítulo, mais precisamente nas linhas 51 e 52, encontra-se a

seguinte observação: “Em inúmeros casos, os adultos precisam manter-se a certa distância do fervor da imaginação crítico-criativo das crianças, pois a maneira que ambos veem o mundo é distinta”. Como afirma Henri Wallon em seu livro *A Evolução psicológica da criança*.

É, em definitivo, o mundo dos adultos que meio lhe impõe e daí resulta, em cada época, uma certa uniformidade de formação mental. Mas isso não significa que o adulto tenha direito de reconhecer na criança somente aquilo que ele próprio lhe inculca. E, em primeiro lugar, a maneira como a criança assimila esse mundo pode não ter nenhuma semelhança com a maneira como o adulto por sua vez utiliza. Se o adulto ultrapassa a criança, a criança à sua maneira ultrapassa o adulto (WALLON, 1995, p. 31).

A criança descrita por Rivas passou por três processos: as descobertas feitas no universo escolar e extraescolar, por meio da presença de seu professor, a relação de confiança entre Moncho e Don Gregório, nessa que como toda relação produtiva, havia muita afetividade e o conhecimento adquirido pelo menino através das explicações do professor, conhecimento este elencado durante o conto.

Ao conduzir sua turma aos passeios pela natureza, Don Gregório estimulava-os a perceber as coisas, a olhar as flores, as árvores, os bichos em volta, era uma maneira de divertir as crianças e, ao mesmo tempo, sensibilizá-las e ensiná-las. Como se percebe no trecho no início do conto, em um dos passeios de Moncho e os colegas, o professor explica como é a língua das borboletas, ele diz que a língua da borboleta é como um tronco enrolado em espiral e quando elas veem uma flor que lhes atrai, desenrola a língua e enfia no cálice da flor – e ainda questiona: “quando vocês metem o dedo umedecido em um pote de açúcar qual é a sensação? Pois, é assim que é a língua da borboleta”.

La lengua de La mariposa es una trompa enroscada como un muelle de reloj. Si hay una flor que le atrae, desenrola y La mete en el cáliz para chupar. Cuando lleváis el dedo humedecido a un tarro de azúcar, ¿ a que sentis ya el dulce en La boca como si La yema fuese La punta de La lengua? Pues así es La lengua de La mariposa (RIVAS, 1995, p. 23)⁵.

⁵ A língua da borboleta é um tronco enrolado como um mule mecânico. Se houver uma flor que o atraia, ele a desenrola e coloca no centro da flor para chupar o néctar. Quando você leva o dedo

Assim como o professor do conto estimula seus alunos a olharem mais o ambiente a sua volta, o poeta também dá um conselho aos leitores que, segundo ele, “As coisas não querem ser vistas por pessoas razoáveis: Elas desejam ser olhadas de azul – Que nem uma criança olha de ave” (O LIVRO DAS IGNORÂNCAS, 1993).

Em suma, o poeta dá vida às coisas a nossa volta e, ao personificá-las, afirma que elas possuem desejo, nesse caso, de não serem ignoradas, da mesma forma que é raro na natureza a cor azul, o olhar das pessoas carece de sentimentos raros, de singeleza, de sensibilidade. Ele convida a todos os adultos, a valorarem as flores, os jardins, o colorido das casas, as nuvens que enfeitam o azul do céu com suas formas de bichos, coisas etc. Ele mostra que tudo aquilo que era notado com mais efervescência no olhar infantil, nunca saiu do lugar, continua lá, esperando que a criança esquecida dentro de cada adulto renasça através do olhar minucioso de uma criança.

3.5 O importante papel da afetividade na relação entre a criança e o adulto

A afetividade é fundamental para o desenvolvimento emocional, psíquico e até mesmo criativo de uma criança, “As influências afetivas que rodeiam a criança desde o berço não podem deixar de exercer uma ação determinante na sua evolução mental” (WALLON, 1995). Toda criança precisa de um ser adulto em quem possa confiar e espelhar-se, o laço afetivo vai além dos laços sanguíneos, pois para que haja o desabrochar do imaginário infantil, basta ter alguém empenhado em mostrar-lhe o mundo, assim como fez o professor Don Gregório no conto La lengua de las mariposa. Em torno de sua relação com Moncho, havia muita confiança e respeito de ambas as partes. Moncho respeitava a sabedoria e todo conhecimento que seu mestre passava e, em contrapartida, o professor respeitava o processo de aprendizado e conhecimento construído pelo menino e seus colegas de classe.

umedecido a um pote de açúcar, o que já sente o doce na boca como se o doce fosse a ponta da língua? Bem, esta é a linguagem da borboleta.

No entanto, essa relação começou conturbada, mas graças à sensibilidade do professor, ela acabou tornando-se sólida e muito produtiva. Como no primeiro dia de aula o menino estava tão nervoso devido ao medo que tinha da escola e da imagem que seu pai construiu sobre a figura dos professores, que eram severos, castigavam os alunos mal educados e traquinos. Por isso, diante dessa narrativa, o menino ficou tão aterrorizado que quando Don Gregório apresentou-lhe à turma, ele urinou-se nas calças e saiu correndo da sala seguindo em direção à alameda e só retornou à escola após uma visita do professor a sua casa, porém, no dia seguinte, quando chegou à escola, teve uma surpresa que tanto chamou sua atenção: seu professor sorria. Don Gregório apresentou Moncho aos colegas com muito entusiasmo, além de ter mostrado interesse pelo apelido de Pardal, ele ainda pegou o garoto, colocou sobre sua mesa e disse para a turma que era um prazer tê-lo como companheiro, como é percebido no trecho a seguir:

El sapo sonreía. Me pellizcó la mejilla con cariño. “Me gusta ese nombre, Pardal”. Y aquel pellizco me hirió como un Dulce de café. Pero lo más increíble fue cuando, en medio de un silencio absoluto, me llevó de la mano hacia su mesa y me sentó en su silla. Él permaneció de pie, cogió un libro y dijo: “Tenemos un nuevo compañero. Es una alegría para todos y vamos a recibirlo con un aplauso” (RIVAS, 1995, p. 28, grifos do autor)⁶.

No instante em que Don Gregorio deu um leve beliscão nas bochechas de Moncho, um encantamento iniciou-se: “Me pellizcó la mejilla con cariño”⁷, aquele gesto do professor quebrou todo o medo e a dúvida que havia no menino sobre as atitudes do professor em sala, no final desse trecho, vê-se a importância que o mestre deu à figura do garoto, ao pedir que os outros colegas aplaudissem a presença de Pardal: “Es una alegría para todos y vamos a recibirlo con un aplauso”⁸.

Esse pequeno trecho mostra a importância afetiva que o adulto exerce sobre a criança, seja esse adulto um pai, uma mãe, uma avó, um vizinho ou, nesse caso,

⁶ O sapo estava sorrindo. Ele beliscou minha bochecha com amor. “Gosto desse nome, Pardal.” E aquela beliscada me machucou como um café doce. Mas o mais incrível foi quando, em meio ao silêncio absoluto, ele me levou pela mão até sua mesa e eu me sentei em sua cadeira. Ele se levantou, pegou um livro e disse: “Temos um novo colega.” É uma alegria para todos nós e vamos recebê-lo com aplausos.

⁷ Ele beliscou minha bochecha com amor.

⁸ É uma alegria para todos e vamos recebê-lo com aplausos.

um professor. Logo, este sensível professor criou um vínculo muito forte com o menino do conto. Mas, o aconchego que ele encontrava nos braços de sua mãe era primordial para que o menino sentisse-se seguro, refugiado e protegido, pois depois que fugiu da sala e saiu correndo pela alameda, ficou sozinho até escurecer e o medo do escuro tomou conta dele, Moncho foi encontrado por Cordeiro, um personagem que quase não aparece na narrativa. Quando chegou em casa, a vontade que ele tinha era de não soltar as mãos de sua mãe. Há um trecho que ele fala da sensação de tranquilidade que sentiu durante a noite ao segurar as mãos da mãe: “Tenía la sensación de que mi madre no me había soltado la mano durante toda la noche”⁹ (p. 27).

Porém, o vínculo entre mestre e discípulo foi o ponto-chave da narrativa, já que a relação dos pais com os filhos é possível devido ao laço familiar, entretanto, Moncho passou a descobrir o mundo através do incentivo de Don Gregório, que o levava para passear no bosque, ensinava a respeito dos bichos, contava curiosidades sobre eles, e isso, cativa cada vez mais o garoto, a prova disso é que há um trecho em que ele conta que o mestre nomeou-o seu melhor discípulo, e ele revela que a cada passeio realizado com o professor era como uma viagem em um mundo de descobertas.

Esse conteúdo palpável e ao mesmo tempo abstrato, é pincelado por Manuel Rivas durante todo o conto, e por Manoel de Barros, em seus poemas presentes em seus livros elencados aqui. A infância é o portal misterioso pertencente ao ser criança e ao ser adulto, é evidente que a criança vive mais intensamente essa fase, pois é dela, porém, o adulto não se torna impedido de se deliciar sempre que possível com as aventuras que esse período mágico pode trazer. É preciso destacar que os dois escritores defendem em sua escrita, a liberdade da criação, de imaginar e de sonhar da criança, além de despertarem no leitor o seu lado mais sutil, perceptível ao imaginário criado por uma criança.

A criança tem um jeito próprio de ver o mundo e elas modificam-no ao passo que as coisas que veem não as agradam. “A infância, soma das insignificâncias do ser humano, tem um significado fenomenológico próprio, um significado

⁹ Tive a sensação de que minha mãe não havia soltado minha mão a noite toda.

fenomenológico puro, porque está sob o signo do maravilhamento” (BACHELARD, 2009). Seria precioso para o adulto permitir-se sonhar de vez em quando e não adentrar ao imaginário infantil se caso essa entrada venha a desfazer o processo indutivo – inventivo infantil. Para Bachelard, os devaneios de um adulto existem pelo fato de este ter sido uma criança um dia, de ter lembranças. “[...] E o devaneio voltado para a infância devolve-nos às virtudes dos devaneios primeiros. A água da criança, o fogo da criança, as árvores da criança, as flores primaveris da criança... quantos princípios verdadeiros para uma análise de mundo” (BACHELARD, 2009, p. 119).

O ser criança é constituído de bastante afetividade, um adulto pensante e mais criativo, sem dúvida, foi uma criança livre de imposições, raras são as possibilidades contrárias. Sendo assim, as emoções, os sentimentos, as imaginações férteis e a produtividade do indivíduo podem ser fruto desse período de tantos sonhos possíveis, já que constituem o ser humano.

4 Considerações finais

A realização do presente artigo envolveu um dinamismo literário entre dois gêneros distintos, mas que possuem na sua essência um elemento central e pivô da análise, que é a infância em questão, como apresenta o título e porta de entrada para esse trabalho. A infância foi discutida durante todo o processo de criação da análise que se valeu de um estudo bastante conhecido no meio acadêmico, o estudo da Literatura comparada.

Esse tipo de estudo permite que duas obras distintas, de períodos históricos diferentes, de autores e gêneros diferentes, possam dialogar entre si, se estas possuírem características que possibilitem um trabalho detalhado sobre seus aspectos e perspectivas. O ponto de partida para a motivação de se trabalhar com esse tema surgiu a partir de uma pergunta geradora de toda pesquisa: De que maneira a perspectiva da infância articulava-se nas duas práticas literárias, no conto *La lengua de las mariposas*, de Manuel Rivas e em alguns poemas de Manoel de Barros? Após a leitura de algumas obras e, inclusive, do livro *A evolução psicológica*

da criança, de Henri Wallon pôde-se associar alguns aspectos comuns na narrativa e nos poemas selecionados para tal.

A partir das comparações e associações a respeito da infância, observou-se que ela é articulada nas duas práticas por meio de alguns elementos fundamentais presentes no desenvolvimento do imaginário da criança como, por exemplo, a relação entre a criança e o adulto, a afetividade e o conhecimento adquirido por estas, durante seu processo natural e, também, sistemático, ou seja, no ambiente escolar, como foi o caso do garotinho Moncho do conto de Rivas.

É válido salientar que essas obras tiveram uma importância incalculável para a minha própria criação literária. O ato de desenvolver esse tema desencadeou na minha memória uma série de lembranças da minha infância, fazendo até com que eu voltasse a escrever as poesias infantis *bobas* que antes eu costumava escrever e depois fui deixando no esquecimento, talvez tenha sido esse o motivo pelo qual falar de infância, de crianças e do imaginário infantil falou e ainda fala tanto comigo.

A essência infantil pura, criativa, imaginativa, fantasiosa e mágica, faz com que a criança viva intensamente o mundo que é seu, criado por ela. É dever, portanto, do adulto, parar de delimitar até onde vai a infância. Assim sendo, enquanto Barros defende o resgate do infantil no adulto por meio de recordações da memória ou até mesmo na convivência com crianças, Rivas mostra no conto, através da relação do professor Don Gregório e do garoto Moncho que sempre há muito o que aprender com o outro.

Os objetivos propostos desde o início deste trabalho foram alcançados no decorrer da produção da análise. É evidente que muito mais poderia extrair desse tema e, principalmente, das leituras citadas aqui, já que o contato com o *idioleto manuelês* pode proporcionar profundas reflexões sobre o cuidado e o respeito que o universo adulto deve ter quanto ao universo criativo infantil.

Referências

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. Tradução de DANESI, Antonio de Pádua. Revisão da tradução Alain Marciel Mouzart, Mário Laranjeira. 3. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

BARROS, Manoel de. **Livro sobre nada**. 13. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

BARROS, Manoel de. **O livro das ignorâncias**. 14. ed. Rio de Janeiro: Record, 2016.

BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas: a terceira infância**. Iluminuras de Martha Barros. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2016.

BARROS, Martha. **Com o poeta Manoel de Barros**. Manoel de Barros. Gramática Expositiva do Chão: Poesia quase toda. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. p. 312-17, 1992.

CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura comparada**. - São Paulo: Ática, 2006.

GONZÁLEZ, Susana Fernández. **Manuel Rivas en El País: análisis de las columnas de opinión**. 2015. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Jornalismo). Disponível em: <http://riull.ull.es/xmlui/handle/915/3770>. Acesso em: 12 jul. 2023.

RIVAS, Manuel. **¿Qué me quieres, amor?** 3. ed. Galiza: Editorial, Galaxia. 1995. 144 p.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. Tradução de CARVALHO, Cristina. Lisboa: Edições 70, 1995.

SÓ DEZ POR CENTRO É MENTIRA. Direção de Pedro Cezar. Produtora: Pedro Cezar, Marcio Paes por Artezanato Eletrônico e Katia Adler por Vite Produções. São Paulo: Downtown Filmes, 2008. (81 minutos), colorido.

MANUEL. In: **DICIO: Dicionário de nomes próprios**. Disponível em: <http://www.dicionariodenomespropios.com.br/manuel/>. Acesso em: 12 jul. 2023.

ⁱ **Edivânia Santos de Carvalho**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0964-0066>

Colégio Coopeise, Serrinha-BA

Formada em Letras com Língua Espanhola pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Especialista em coordenação pedagógica pela UNIFACS-Salvador. Professora do Colégio Coopeise, Serrinha-BA.

Contribuição de autoria: Única autora.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2303469169346530>

E-mail: edivaniacarvalho.letras@gmail.com

Editora responsável: Karla Colares Vasconcelos

Como citar este artigo (ABNT):

CARVALHO, Edivânia Santos de. Um encontro com Manoel de Barros e Manuel Rivas: apontamentos sobre a infância. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 4, n. 1, 2023.